O engodo da 'pátria educadora'

Síntese: A educação tem sido um dos principais alvos do arrocho fiscal patrocinado pelo PT: mais de R\$ 10 bilhões foram cortados do orçamento do MEC neste ano. Todas as antigas vitrines da gestão petista na área foram afetadas - Fies, Pronatec e Ciência sem Fronteiras, além das transferências para municípios em áreas como merenda e transporte escolar. O MEC, que já reduziu seus investimentos em 40% em 2015, é a pasta que mais sofre com o toma-lá-dá-cá: teve seis ministros em quatro anos, comprometendo a qualidade das suas (poucas) políticas públicas. "Pátria educadora" revelou-se mero slogan publicitário e Dilma Rousseff tornou-se a madrasta da educação.

Se a palavra da presidente Dilma Rousseff valesse, a educação deveria ser "a prioridade das prioridades" da atual gestão. Tornou-se, contudo, uma das áreas mais castigadas pelo arrocho fiscal promovido pelo governo do PT. Neste ano, mais de R\$ 10 bilhões foram cortados do orçamento do Ministério da Educação (MEC), estilhando todas as antigas vitrines do governo petista no setor. A "Pátria Educadora" do lema oficial revelou-se mero slogan, enganoso e vazio.

Até as eleições, eram só promessas. As oportunidades de formação superior seriam ampliadas com o Fies e o Ciência sem Fronteiras. O ensino técnico - panaceia para todas as mazelas do país nas memoráveis intervenções de Dilma nos debates presidenciais - seria expandido com o Pronatec e o compromisso de abrir vagas em creches, fundamentais para o desenvolvimento social das crianças, a emancipação e o progresso profissional das mães brasileiras, seria finalmente cumprido. Passado um ano da eleição, não resta pedra sobre pedra.

Voltado ao financiamento estudantil, o Fies sofreu severas restrições. As vagas oferecidas caíram pela metade e as condições para acesso se tornaram muito mais rigorosas: os juros praticamente dobraram e os prazos para pagamento dos empréstimos diminuíram. Os subsídios reservados para novos contratos foram reduzidos em 32% e, oficialmente, mais de 400 mil alunos deixaram de ser atendidos pelo programa neste ano.

Já o Pronatec, trunfo da campanha eleitoral do PT, minguiu. Novas vagas só foram abertas neste segundo semestre, mesmo assim com queda de quase 60% em relação ao ofertado em 2014. Com o aperto fiscal, a promessa de oferecer 12 milhões de novas oportunidades até 2018, repetida quase diariamente por Dilma na campanha a reeleição, já foi reduzida a metade.

A mesma falta de verbas levou ao congelamento do Ciência sem Fronteiras. A oferta de novas vagas foi suspensa e a promessa de dobrar as oportunidades para estudantes brasileiros estudarem no exterior, abrindo 100 mil bolsas até 2018, ficou a ver navios. Foi outro compromisso de campanha relegado ao lixo da história pelo PT.

As universidades federais também estão naufragando no atual mandato. Neste ano, o país assistiu a mais longa greve de professores já registrada no ensino superior brasileiro, com 139 dias de duração. O sucateamento é evidente. Sem recursos sequer para pagar serviços de vigilância e limpeza, as instituições federais de ensino superior, que começaram o ano com corte de 30% no orçamento, foram forçadas a adiar aulas e engavetar projetos. Perde a nossa ciência, perdem os estudantes.

Entidades educacionais também reclamam que a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) reduziu em 75% os gastos com custeio de programas de pós-graduação. O corte golpeia a pesquisa científica, atrasa ainda mais nossa capenga inovação e solapa a competitividade do país.

Em todos estes casos, ha um traço comum: o governo inchou os programas educacionais no ano eleitoral para torna-los vistosos na propaganda de Dilma e depois ceifou-os sem dó (*ver gráfico abaixo*). Tratada com leviandade pelo marketing petista, a educação foi, assim, um dos componentes mais notáveis do estelionato eleitoral perpetrado por Dilma para se reeleger.